

Uma história ocultada: a resistência negra no Rio Grande do Sul após a abolição

Uma das lacunas da historiografia brasileira é o tema do negro no pós-abolição. Como o negro se organizou e lutou para conquistar, efetivamente, a cidadania na sociedade brasileira? Como ele combateu as agruras do racismo? Como nasceu o Movimento Negro organizado no Brasil? Enfim, essas são algumas das perguntas que permanecem sem resposta. Se o *negro-escravo* já foi objeto de inúmeras pesquisas universitárias e de obras consagradas, o *negro-livre* ou *negro-cidadão*, ou seja, o negro do pós 13 de maio de 1888 ainda não mereceu a devida atenção. Na verdade, o negro no pós-abolição já foi razoavelmente estudado, mas não por historiadores. Via de regra, ele é perscrutado por sociólogos ou antropólogos. Para a maior parte da historiografia, o que é objeto de preocupação no período posterior à abolição são sujeitos ou categorias como “operariado”, “povo”, “classes populares”, “imigrantes”, “urbanização”, “industrialização”, “modernização”. Raramente o negro é tematizado e, quando isso acontece, mais raramente ainda é acontecer na perspectiva de suas experiências e vivências específicas. Do ponto de vista da historiografia do sul do País, esse fenômeno se repete.

Diante desse quadro, é bem-vinda a publicação da obra *Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*, de José Antônio dos Santos.² O livro foi, originalmente, dissertação de mestrado, defendida no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2001. A proposta central do livro é reconstruir a história do jornal *A Alvorada*, que foi fundado por operários negros na cidade de Pelotas, em 1907, e circulou, com efêmeros intervalos, até 1965. *A Alvorada* foi um jornal cuja literatura especializada qualifica de “imprensa negra”, isto é, uma imprensa produzida pelos negros e voltada para tratar de suas questões.

Na obra, a hipótese central é a de que o jornal *A Alvorada* constituiu o principal instrumento de afirmação racial e construção de uma identidade negra na cidade de Pelotas, nas primeiras décadas do século XX. E que tal identidade se apoiava no discurso segundo o qual o binômio trabalho/educação era o pré-requisito

² Santos, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*. Pelotas; Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2003.

para promover a ascensão social e a integração do negro na sociedade local “dos brancos” (p. 23-24). Além da hipótese central, Antônio dos Santos se propõe a problematizar outras questões, tais como: por que os operários negros em Pelotas – que constituíam a principal força de trabalho nas primeiras décadas do século XX – fundaram entidades negras, com recorte racial, em vez de somente abraçar a luta classista, cerrando fileiras no movimento operário? Como o *A Alvorada* tornou-se um órgão de mobilização e luta dos negros e qual o papel desempenhado pelos dirigentes desse jornal?

Do ponto de vista teórico, o autor adota, fundamentalmente, o instrumental conceitual formulado pelo pensador e dirigente comunista italiano Antônio Gramsci. Assim, o jornal *A Alvorada* teria assumido o papel de um *partido* (p. 37), que, para Gramsci, pelo menos o Partido Comunista Italiano, era o *príncipe moderno*, uma organização capaz de catalizar os anseios das classes subalternas em torno de um programa político e dirigi-las no processo emancipatório. Já os ativistas que militavam na órbita do jornal, são caracterizados pelo autor de *intelectuais orgânicos* da comunidade negra pelotense. Para Gramsci, os intelectuais orgânicos eram aqueles agentes políticos comprometidos pela construção de uma nova ordem social na Itália.

A fonte documental mais explorada pelo autor é a própria coleção de o *A Alvorada* e, de maneira secundária, esquadrinha um ou outro jornal da “imprensa negra” gaúcha da época, livros de memórias, de cronistas e um almanaque sobre Pelotas. Do ponto de vista metodológico, o autor analisa tais fontes documentais pela ótica da “análise de conteúdo”, a fim de apreender objetivamente as “informações ou discursos” (p. 36).

O livro está dividido em três capítulos. No primeiro, denominado “Os negros entre ‘histórias’ e histórias”, o autor expõe seu referencial teórico-metodológico; avalia a produção acadêmica que estudou as relações raciais no pós-abolição e aponta a ausência do negro na produção acadêmica que tematizou a formação da classe trabalhadora no país. Por fim, ele faz um resgate histórico da cidade de Pelotas nas primeiras décadas do século XX.

No segundo capítulo, “Jornal e militância”, faz a análise centrada no *A Alvorada*, apresentando o grupo que fundou o jornal. Tratava-se de trabalhadores negros que, além de atuarem no movimento operário, tinham a preocupação de, combinadamente, levar a cabo a luta anti-racista. Por isso, o programa do jornal consistia na defesa dos operários e dos negros pelotenses. Fundado em 1907, Juvenal Penny foi o primeiro dono do jornal, que, em

1946, o vendeu para Rubens Lima. Tal evento marcaria a transição para uma nova fase do periódico. Se na primeira fase os "intelectuais negros" empreendiam ao jornal um cunho mais reivindicativo e de protesto racial, na segunda fase, a partir de 1946, a direção do jornal buscou dar-lhe um caráter também comercial.

Ainda no segundo capítulo, o autor demonstra como o jornal valorizava o papel da educação na vida do negro. "Aqueles que escreviam no semanário", escreve Antônio dos Santos, "acreditavam que, uma vez *instruídos*, os negros tomariam conhecimento dos seus direitos e deveres, saberiam advogá-los e se encaminhariam para a busca da cidadania plena" (p. 136). No terceiro e último capítulo, "Comunidade negra e identidades", o autor revela como, a partir da fundação da Frente Negra Pelotense, em 1933, o jornal passou a ser o porta-voz dessa nova entidade negra, servindo de tribuna para que ela difundisse um programa de integração do negro na sociedade de classes.

Pelas páginas de o *A Alvorada*, tratava-se dos problemas da comunidade negra e indicava-se as possíveis soluções. Abria-se espaço para informar acerca das atividades organizadas pelas diversas entidades negras (esportivas, carnavalescas, musicais, bailantes, instrutivas, beneficentes, culturais e teatrais). Era comum, outrossim, o jornal discutir os rumos do movimento operário, posto que significativa parcela dos afiliados aos sindicatos na cidade de Pelotas eram negros (p. 111). Uma das maiores lideranças negras, ligada ao *A Alvorada*, era o de Rodolfo Xavier. Ele foi um dos fundadores do jornal e era dirigente operário naquela cidade. Além dele, destacou-se também a figura de seu irmão, Antonio Baobab, além dos irmãos Juvenal e Durval Morena Penny.

Um dos méritos da obra é mostrar que o jornal *A Alvorada* não foi uma iniciativa isolada. Ele estava no bojo de uma imprensa dirigida para os negros no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX, formada ainda pelos seguintes jornais: "*O Exemplo* (Porto Alegre, 1892-1930), *A Cruzada* (Pelotas, 1905-?), *A Navalha* (Santana do Livramento, 1931-?), *A Revolta* (Bagé, 1925-?) e *a A Hora* (Rio Grande, 1917-1934)" (p. 98).

Outro mérito da obra é mostrar como a "comunidade negra" pelotense, nas primeiras décadas do século XX, era dinâmica e tinha um não desprezível nível de consciência racial e organização étnica. Por exemplo, em uma reunião na qual se convocou as *sociedades recreativas* negras, em 1932, compareceram os presidentes da "além do Chove [Não Molha], Está Tudo Certo, Depois da Chuva, Fica Ahí Pra Ir Dizendo e Grêmio Recreativo 24 de Junho. A essas associações recreativas somaram-se os times de futebol da Liga

José do Patrocínio (S. C. Juvenil, S. C. Universal, S. C. América do Sul, G. S. Luzitano, G. S. Vencedor, G. S. União Democrata); cordões carnavalescos (C. C. Vanguardieiros, C. C. Quem Ri de Nós tem Paixão, G. R. Democráticos); Banda Musical União Democrata; companhias de teatro (Companhia Negra de Operetas e Variedades Pelotense, C. D. C. dos Operários); Irmandade Nossa Senhora do Rosário e a Frente Negra Pelotense” (p. 194-195). Para Antônio dos Santos, esse nível de organização étnica e consciência racial dos negros pelotenses – que levou a criação de dezenas de “entidades separadas” – foi uma resposta ao terrível racismo da cidade, o qual é qualificado pelo autor de “segregacionista”.

No entanto, a obra também tem alguns problemas. O primeiro deles é que, apesar do autor adotar as categorias teóricas de Antônio Gramsci, não as desenvolve, satisfatoriamente, no conjunto da obra. O segundo – e talvez maior – problema é quanto à periodização. A despeito do autor prometer historicizar toda a vida do jornal *A Alvorada*, de 1907 a 1957, pouca ou nenhuma alusão faz à década de 1910, 1920, 1940 e 1950. Isto é, sua pesquisa se concentra, quase que exclusivamente, na década de 1930 da coleção do jornal.

De toda sorte, é necessário ressaltar que esse livro é uma contribuição para os estudos das relações raciais e da história do negro no sul do País, particularmente, no Rio Grande do Sul. Ele evidencia como um setor do operariado negro de Pelotas, no início do século XX, não abandonou sua identidade racial e encampou um projeto político, ao mesmo tempo, classista e anti-racista. Além disso, esse livro apresenta importantes indícios de como os escravos e seus descendentes resistiram às agruras do racismo naquela cidade e lutaram – com todas suas contradições – pela conquista da plena cidadania na ordem republicana, através de um movimento social que posteriormente foi denominado de Movimento Negro.

Petrônio José Domingues*

* Professor de História da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e Doutorando do Programa de História Social/USP. E-mail: petronio@usp.br